

Luiz Alfredo não se contenta em ser apenas o testemunho de sua época; ele escreve. Assim, acaba de dar a público mais um livro, desta vez intitulado *O mal radical em Freud*. Reescrevo o título, pois pretendo dizer sobre que escreve o filósofo Luiz Alfredo Garcia Roza. Ele escreve sobre aquilo que não se deixa facilmente inscrever; quase diria que ele inscreve no seu livro (nos seus livros, diria melhor) o que o seu dia-a-dia de trabalhador intelectual vai deixando como traço. Vai deixando nele filósofo, leitor de Freud e Lacan, marcado por essa tensão onde se produziu; a partir de Freud, um curioso trabalho, nem inteiramente voltado pra a Filosofia (vale dizer aqui, Hermenêutica) nem inteiramente comprometido com o saber positivo (vale dizer, a Psicanálise como Ciência Natural, "Naturwissenschaft" como queria ele mesmo Freud). Desde seu último livro *Acaso e repetição em Psicanálise — uma introdução à teoria das pulsões*, nosso Luiz Alfredo atravessa a teoria das pulsões. Escolheu Luiz Alfredo um tema que já foi objeto de cogitação para outros filósofos; devo dizer que o tema foi mesmo um obstáculo para que Psicanálise e Filosofia viessem a encontrar finalmente um *modus vivendi*. Não foi a tentativa de um Ricoeur que veio pacificar esta região do pensamento contemporâneo. A pulsão, entre o psíquico e o

O radical Freud

"O mal radical em Freud
L.A.Garcia-Rosa
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro, 1990

somático, não se deixava facilmente localizar.

Já vai Luiz Alfredo marcando e se deixando marcar pelo texto de Freud quando este termina por dizer que a teoria das pulsões que ele mesmo elaborou vem a ser "nossa mitologia". Luiz Alfredo, numa elegante inversão, vai dizer ao final do primeiro capítulo que "não é a teoria das pulsões que é a nossa mitologia (como diz Freud), mas a teoria da natureza". Assim um mundo natural e ordenado, independente da linguagem, passa a ser fictício; o mundo, poderia dizer Luiz Alfredo, é múltiplo, multifário, prolífico, sem nenhuma destinação. Destinação nós a encontramos quando alguns elementos deste mundo entram em cadeia, destinando-se então ao destinatário. Repito o "destino", para marcar que, a partir de um certo momento, tudo entra num ritmo pulsional que se dispõe a uma leitura. O fato de o mundo estar povoado de significantes não significa de imediato que podemos lê-los; faz-se necessário o acionamento de um procedimento de literalização. E foi o que fez Galileu ao ler o mundo a partir da Matemática, o mais aperfeiçoado procedimento de literalização. E foi o que fez Lacan com seus matemas.

O CAOS

Para não deixar o estatuto a ser atribuído à natureza reduzido a uma ficção, Luiz Alfredo examina em dois capítulos esta questão deixada sem conclusão ao final do primeiro capítulo.

De início vai ao gregos — Platão, Aristóteles. Até os gregos "não houve caos anterior ao cosmos". Será em Lucrécio que Luiz Alfredo vai encontrar a radicalidade de um acaso original: a natureza não é necessidade, mas puro acaso. Registrada esta pista, Luiz Alfredo está em condições de passar até a discussão recente do tema já no nível do discurso científico. Monod, de início, depois Prigogine vão ser trazidos à baila.

Ainda no capítulo três, quando tratava da "ordem e acaso", o filósofo Luiz Alfredo se pergunta: "Não seria uma característica comum à Filosofia e à Ciência o repúdio ao acaso?" "Na verdade, acrescenta, a própria história da Filosofia já implica um compromisso com a ordem. Ambas, a Filosofia e a Ciência, são amantes da ordem e frente à desordem aparente do mundo produziram a inteligibilidade necessária ao bem-estar comum". Para terminar o parágrafo, Luiz Alfredo,

leitor incansável da vasta cogitação sobre o tema, concede: "À Literatura coube produzir o discurso do trágico, lugar do acaso e do mistério".

Pretendo desdobrar esta demarcação, esta divisão de trabalho entre Filosofia, Ciência e Literatura. Retomo, no entanto, o capítulo de Luiz Alfredo para assinalar a menção à Deleuze ainda no capítulo dois: "O fundamental em Lucrécio é a afirmação da natureza como princípio do diverso e de sua produção". Não contente desta marcação do texto de Lucrécio, Deleuze conclui: "A natureza é uma soma infinita que não totaliza seus elementos". Esta citação de Deleuze está à página 32 de Luiz Alfredo. De fato esta multiplicidade inconsistente é de tal sorte a "melhor concepção que se presta aos nossos propósitos" (LAGR), que ela poderia ser o que marca nossa contemporaneidade e com ela a Psicanálise seria o lugar para pensar uma ética e uma teoria que dêem forma à multiplicidade. A observação de Deleuze pode mesmo ser considerada como algo que reúne Freud, Lacan, Deleuze, Lyotard e até Derrida. Algo que nos teria trazido a pós-modernidade (se este termo não estivesse já tão desgastado... e em tão pouco tempo!)

Minha leitura leva a uma conclusão provisória: aqui estaria o radicalismo (mal radical?) da Psicanálise, quando desde Freud e graças à

LEITURAS

leitura de Lacan ficamos sabendo que o mal radical não estava no nível das pulsões nem da pulsão de morte, muito menos numa maldade original do ser humano (por falta ou por princípio, pouco importa); o radical está em pensar a dispersão do real (Lacan) ou mesmo como Freud, que jamais concordou com uma síntese em se tratando de Psicanálise. O mal radical que dá título ao livro teria de ser trazido a um plano onde não tivéssemos como horizonte a natureza moral do homem.

Nem tampouco bastaria discutir a questão da destrutividade ou a "possibilidade de uma ação ter como meta a destruição sistemática" (p. 151, LAGR) com interlocutor que poderia ser biólogo. Logo, seríamos denunciados como defendendo uma contradição lógica. Esta discussão tem sido tema de mesa-redonda entre cibernéticos, biólogos, de um lado, e psicanalistas de outro. Não há a menor

chance de um entediamento. E, no entanto, sabemos, nós psicanalistas, que há máquinas desreguladas (seres humanos que, uma vez no mundo, correm para sua própria destruição) que funcionam a partir dessa desregulagem! A tentação de síntese continua a inspirar a leitura do texto de Freud. Seja em se tratando da Biologia, que busca na identidade através das respostas, ou da história do ser vivo algo garantidor da própria existência ou organização.

A radicalidade do inconsciente está pois neste "caos determinista" (vamos dizer uma palavrinha sobre este termo proveniente da Física do acaso), a radicalidade está neste título de François Regnault *Die est Inconscient*.

Deus é inconsciente, já que não é capaz de dizer o que vai querer ou ele pretende, já que é inconsistente, múltiplo.

O CAOS DETERMINISTA

Luiz Alfredo à página 50, assinala a "transformação sofrida pela idéia de desorganização". Foi possivelmente um dos eixos através do qual Luiz Alfredo terá trabalhado neste livro *O mal radical em Freud*. Curioso pensar que este tema subjaz à discussão situada no nível da natureza moral do homem. Terá a Filosofia que ser desconstruída, tal como o pretende a pós-modernidade, para que faça irrupção o tema

da "desorganização" do "caos determinista", trazendo à tona o que foi o pensamento freudiano?

É o que pensamos. Assim Luiz Alfredo já havia indagado por uma certa repartição de tarefas entre Filosofia, Ciência e Literatura (pág. 37). Teríamos que dizer que mesmo esta divisão de trabalho parece ser fadada à revisão.

A idéia de uma ordem que se segue à desordem, de uma "ordem por flutuação", pode envolver tanto o trabalho no nível da Física dos processos irreversíveis (Prigogine, citado por Luiz Alfredo), quanto o processo literário considerado em seu movimento de autogeração (autopoiesis, disseram os biólogos imunologistas sensíveis a esse tipo de modelo). Quanto à Filosofia, resta saber se ela se dispõe a criar condições de pensar os efeitos da Ciência à medida que eles se fazem sentir.

E não se pense que estamos no reino da gratuitidade ou do arbitrário

(indisível ou inefável). Existe uma matemática capaz de dar conta do "caos determinista"; os processos não-lineares são devidamente abordados conservando-se as propriedades do sistema. A principal propriedade a que fazemos alusão seria o não comprometimento quanto ao que deverá ser predito em se tratando da evolução do sistema. Voltamos ao livro de Luiz Alfredo para ler com ele a "função do filósofo" (cap. 7).

Qual seria a função do filósofo neste fim de século, nesta época de desconstrução da Filosofia? Se nos valemos da leitura de Freud, diria que a função do filósofo pode muito bem ser estar cumprida por Luiz Alfredo entre nós. Quero dizer, criar condições de possibilidade para que a Filosofia abra espaço para acolher os efeitos da Ciência ou de outras produções. Não cabe à Filosofia se antecipar, nem ditar as condições acima mencionadas. Terá sido a Psicanálise o que nos foi legado pela modernidade para pensar os problemas que marcaram Luiz Alfredo no seu trabalho diuturno, na sua atividade incansável de universitário, escrevendo e inscrevendo o que foram as marcas deixadas por essa repetição da insistência (são os signos que se repetem) e não forçosamente pelo eterno retorno.

Célio Garcia
Psicanalista
Professor Doutor
na U.F.M.G.